

## **Manchester United abre capital, mas quer controle**

*Kevin Brown*

*Até dois terços da operação de US\$ 1 bilhão será com ações sem direito a voto.*

O Manchester United planeja conseguir até dois terços do U\$ 1 bilhão planejado na sua oferta pública inicial em Cingapura por meio da venda de ações preferenciais - sem direito a voto. Com isso, o clube de futebol manteria até 88% do capital votante nas mãos da família Glazer, sua proprietária americana.

Os planos em elaboração para a abertura do capital do clube são de que a Premier League inglesa venda um terço do patrimônio do clube - que está avaliado em cerca de US \$ 3 bilhões -, sendo 12% na forma de ações ordinárias, parcela mínima de ações com direito a voto em circulação no mercado exigida pela Bolsa de Cingapura.

O equilíbrio das participações seria na forma de papéis preferenciais sem direito a voto perpétuos sem garantias de dividendos ou o direito de vender as ações para o clube - características típicas de emissões de ações preferenciais -, disseram pessoas a par das negociações.

No entanto, as ações preferenciais teriam prioridade em relação às ordinárias em caso de insolvência, tornando-os potencialmente atraente para instituições como Temasek, a agência de investimento estatal de Cingapura, que está pensando em comprar uma participação grande no clube.

As duas classes de ações seriam vendidas como um pacote, embora os valores relativos ainda não foram definidos. Um cenário possível é que cada ação ordinária possa ser unida uma ação preferencial com o dobro do valor, colocando 36% do patrimônio à venda.

Um comunicado do clube esclarece que algumas propostas estão sendo estudadas para abertura de capital. A operação é prevista para ocorrer em meados de outubro, mas depende da redução da turbulência do mercado e da aprovação formal do registro na bolsa.

O clube havia sido criticado após relatos de que poderia estar considerando a estruturação da operação com duas classes distintas de ações ordinárias. As reações iniciais do mercado sugeriram o uso de ações preferenciais poderia ser menos controverso.

Anita Skipper, diretora de governança da gestora Aviva Investors, disse que o uso de ações preferenciais não é o ideal, mas é uma forma estabelecida de aumento de capital usada por outras empresas.

Embora a venda da operação ainda não tenha começado, as pessoas próximas disseram que os investidores não hesitariam em aceitar direitos de voto desproporcionais retidos pela família Glazers, um modelo usado pelos clubes americanos como a justificativa de ter uma "administração forte".

A operação será coordenada pelo Credit Suisse, JPMorgan Chase e Morgan Stanley, em parceria com um grupo de instituições asiáticas.

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 14 set. 2011, Eu&Investimentos, p. D4.**